

# **Parece que as coisas estão mudando: aos poucos a semântica começa a aparecer nos livros didáticos de língua portuguesa**

Dieysa Kanyela Fossile  
Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** *Neste artigo pretendemos discutir e analisar como tópicos concernentes à semântica são apresentados nos livros didáticos do ensino básico. Trata-se de uma pesquisa em fase inicial, a qual vem sendo desenvolvida por meio do projeto intitulado: "A semântica nos livros didáticos da educação básica" (curso de Letras/UFT/campus de Araguaína). A princípio, oito manuais didáticos estão sendo analisados. A partir do estudo que está sendo desenvolvido, verificamos que o ensino da Língua Portuguesa se dá a partir da Fonética/Fonologia, seguindo para a Morfologia, avançando e estagnando na Sintaxe. Dessa maneira, os resultados parciais sugerem que em alguns manuais didáticos a semântica ainda é discutida de maneira um tanto limitada e vários assuntos são tratados de maneira simples, breve e superficial. Neste artigo, optamos por discutir e analisar, em especial, a coleção Português: Linguagens (volumes 01, 02 e 03 do Ensino Médio) de Cereja e Magalhães (2005; 2010), que foi elaborada com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Esses manuais têm como diferencial possibilitar uma reflexão sobre assuntos destinados à semântica.*

**Palavras-chave:** *Semântica. Livro didático. Ensino.*

## **Considerações Iniciais**

Desde a década de 80, a Linguística vem cooperando com o ensino da Língua Portuguesa, e desde então, vem buscando espaço no campo do ensino; porém, o que temos acompanhado nesses últimos trinta anos é que a Linguística ainda atua de forma limitada nessa área. Debates e discussões realizados nos encontros de Educação, por exemplo, alertam que a disciplina da Língua Portuguesa necessita de ajustes e reformulações. Nesses mesmos encontros, é possível acompanharmos discussões que sustentam que a Linguística poderá contribuir de maneira positiva para o ensino da Língua Portuguesa.

Assim sendo, os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCNs) (BRASIL, 1997) sustentam e discutem que a escola deve propiciar ao aluno o aprimoramento da capacidade de interpretar textos diversificados e variados. Essa questão abordada nos PCNs mostra que conteúdos concernentes à área da Linguística, especificamente da semântica, podem auxiliar os alunos no aprimoramento da capacidade de interpretação de textos, na busca pelos significados textuais, e até mesmo, no desenvolvimento de análises linguísticas.

Mas, a princípio, nota-se, a partir de pesquisa desenvolvida e apresentada neste artigo, que a Semântica está presente de forma limitada em alguns materiais didáticos utilizados nas escolas. Isto é, podemos verificar que alguns tópicos concernentes à semântica são, em dados momentos e em dados manuais didáticos dentre os analisados e posteriormente apresentados, superficialmente discutidos.

Com base na pesquisa que vem sendo realizada por meio do projeto intitulado "A semântica nos livros didáticos da educação básica", propomos discutir e analisar como a semântica é abordada nos livros didáticos que foram e são adotados em turmas do ensino fundamental e do ensino médio. Sustentamos que a Semântica, por exemplo, não contribui e auxilia somente na simples leitura de um texto, mas influencia na interpretação e compreensão textual. Porém, a análise de livros didáticos de Língua Portuguesa tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio (há algumas exceções, é claro!) revela que a questão da significação, a questão do estudo do significado ainda recebe pouca atenção. Conteúdos relacionados à ortografia, à acentuação, às classes gramaticais, à regência e concordância nominal e verbal, entre outros assuntos, acabam ocupando a maior parte desses manuais. Ou melhor, os livros didáticos acabam priorizando os temas relacionados à ortografia e à sintaxe, e questões concernentes à semântica acabam sendo pouco trabalhadas.

Em função disso, em algumas aulas de semântica do curso de Letras (modalidade presencial) e do curso de Letras-

PARFOR<sup>1</sup> (modalidade a distância) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), *campus* de Araguaína, foi introduzido o projeto de pesquisa intitulado "A semântica nos livros didáticos da educação básica". Por meio deste estudo, pretendemos que os futuros professores verifiquem o quão importante e necessário é discutir e adotar a semântica no ensino da Língua Portuguesa. Dessa maneira, em algumas aulas da disciplina de Semântica, os alunos do curso de Letras passaram a analisar como tópicos que correspondem à semântica são tratados nos manuais didáticos tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio. No momento, oito livros didáticos<sup>2</sup> estão sendo analisados; porém, aqui, vamos discutir, em especial, a coleção *Português: Linguagens* (volumes 01, 02 e 03 do Ensino Médio), de Cereja e Magalhães (2005; 2010), pois esses manuais abordam questões voltadas à semântica. As análises dos livros didáticos são desenvolvidas em parceria com os alunos do curso de Letras. O estudo encontra-se em fase inicial de desenvolvimento.

O artigo se estrutura da seguinte forma: na primeira seção, tentamos esclarecer algumas questões de âmbito teórico, a partir de uma breve discussão sobre o que é significado. Nessa seção, é ressaltado que o significado pode ser descrito de diversas maneiras, resultando em uma pluralidade de semânticas. Na segunda seção, apresentamos uma breve abordagem do livro didático como ferramenta de trabalho do professor. E, por fim, na terceira seção discutimos como a semântica é tratada nos manuais didáticos *Português: Linguagens* (volumes 01, 02 e 03 do Ensino Médio), de Cereja e Magalhães (2005; 2010).

### **Semântica: buscando compreensão para o significado**

Iniciamos repetindo uma informação relevante e ao mesmo tempo bastante presente na literatura: *a Semântica é um*

---

<sup>1</sup> Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.

<sup>2</sup> Os livros didáticos são apresentados na seção três deste artigo.

*ramo da Linguística que investiga a questão do significado* (TAMBA, 2006; OLIVEIRA, 2001, 2003, 2009; MOURA, 2006; CHIERCHIA, 2003; FOSSILE, 2009, entre tantos outros). Pensando na questão do *significado*, a princípio, ressaltamos que a todo momento, tanto na oralidade quanto na escrita, estamos lidando e estamos em contato com o significado de palavras, de sentenças e de textos. Podemos verificar que todo falante lusófono, por exemplo, sem grande hesitação, sabe que uma palavra como *mesa* tem um significado em português. Além disso, sabe avaliar que o termo *mesa* tem um significado adverso de *cadeira*. Ademais, sabe ainda que sentenças como: (1) *Maria fuxicou de você* e (2) *Maria fofocou sobre você* são duas formas quase semelhantes de significar que (3) *Maria falou (mal) de você*. Também podemos depreender que em uma língua há formas linguísticas idênticas que podem apresentar sentidos diferentes. Tal como os exemplos que seguem: (4) *Maria sente dores na cabeça*. Nesse exemplo, *cabeça* equivale à *parte do corpo*. (5) *João é o cabeça da turma*. Nessa sentença, *cabeça* corresponde a *líder*. De acordo com Tamba, em alguns casos, podemos nos deparar com formas linguísticas diferentes que podem ter significações semelhantes (2006, p. 7), conforme podemos verificar nos exemplos (1) e (2), acima. A partir da explanação realizada neste parágrafo, podemos concordar com Ferrarezi Jr. (2008), que uma língua é algo que significa, em toda a sua essência.

Com base em Tamba (2006), discutimos que o campo de investigação da semântica é delimitado de maneira diversa. A partir daí, apresentamos três definições para a semântica:

1ª "A semântica é o estudo do sentido". (LYONS, 1978, p. 9; TAMBA, 2006, p. 10).

2ª "A semântica é o estudo do sentido das palavras". (GUIRAUD, 1955, p. 4; TAMBA, 2006, p. 10).

3ª "A semântica é o estudo do sentido das palavras, das frases e dos enunciados" (LERAT, 1983, p. 3; TAMBA, 2006, p. 11).

---

#### Quadro 1

As definições do quadro (1) são discutidas por Tamba (2006, p. 11) da seguinte maneira:

1ª definição: englobante e ao mesmo tempo imprecisa, recorrendo a uma concepção intuitiva de sentido que não admite descrever um objeto unicamente de caráter linguístico. Por outro lado, essa definição não rejeita nenhum tipo de significação, dessa maneira descreve um grande conjunto de sentidos variados.

2ª definição: denominada de *semântica lexical*, restringindo o sentido linguístico essencialmente ao sentido das unidades lexicais, expressões/termos simples e codificados.

3ª definição: chamada de *pragmassemântica*, atendo-se a três níveis diferentes de organização do sentido. No caso, (i) nível das unidades-palavras: estruturação lexical; (ii) nível das unidades-frases: estruturação gramatical ou morfossintática; (iii) nível das unidades-enunciados: organização discursiva.

Conforme podemos acompanhar no início desta seção, a semântica é entendida como a ciência que estuda o significado. Logo, no quadro 01, temos as três definições que são apresentadas para a semântica. Nessas três definições podemos observar que a semântica se volta ao estudo do sentido, e não mais, do significado. Ora, a partir do que foi exposto, o leitor deve estar se perguntando: (i) a semântica estuda a questão do

*significado* ou do *sentido*? (ii) *Significado* e *sentido* dizem o mesmo?

É certo observamos que o termo *meaning* equivale, em português, ao sentido, à significação e à intenção, e essa noção é alimentada por toda uma literatura. Dentre os textos que são a favor dessa equivalência, estão os seguintes: (i) *The meaning of meaning* de Ogden e Richards e (ii) *Meaning in language* de Cruse (TAMBA, 2006, p. 11). Se levarmos em conta a equivalência apresentada, então, talvez, *sentido* e *significado* tenham o mesmo sentido e/ou o mesmo significado!

Com base em Ferrarezi Jr. (2008), afirmamos que não se sabe direito o que é esse tal de *significado*. Essa dificuldade de compreender e definir significado acabou gerando várias concepções diferentes de semântica. Conforme o autor, algumas concepções acabam negando que o significado em si seja o objeto de estudo da semântica. Dentre essas concepções podemos citar a Semântica de Contextos e Cenários (doravante SCC),<sup>3</sup> segundo a qual, “*a semântica é a ciência que estuda as manifestações linguísticas do significado*” (FERRAREZI JR., 2008, p. 21). Desse modo, essa noção que rege a SCC acaba entendendo significado e sentido como dicotômicos, ou melhor, a concepção que guia a SCC acaba traçando uma linha divisória entre significado e sentido. Com isso o significado é depreendido como

[...] um objeto ainda desconhecido em sua totalidade, mas concebido como tendo natureza neurológica, um objeto de nível da cognição *pura*. O significado é visto como aquilo que é cognitivamente ativado pela linguagem no nível neurológico. Por sua vez, os sentidos (que são as manifestações linguísticas do significado) podem ser definidos como: as pontes que fazem a ligação entre os sinais

---

<sup>3</sup> A Semântica de Contextos e Cenários (SCC) é uma abordagem recente, poucos autores têm escrito sobre esse estudo. Essa abordagem ainda está em fase de elaboração/construção e fundamenta-se em diversos aspectos de outras visões da questão semântica (FERRAREZI JR., 2008, p. 21).

mais próprios da língua (sons na forma de palavras e de melodias entonacionais), os sinais de natureza estritamente gramatical (morfologia e ordem) e os outros sinais adotados como pertinentes no processo de comunicação (como o aparato gestual entre os outros elementos significativos do processo de enunciação) e os elementos e eventos dos mundos que são representados pela língua. Na verdade, cada sentido é composto por um conjunto de traços de significado culturalmente construídos, atribuídos e relevantes para uma comunidade, que esta mesma comunidade utiliza para fazer representar, por meio de sinais, os elementos ou eventos de um mundo qualquer. (FERRAREZI JR., 2005, p. 40; cf. 2008, p. 22)

Para Ferrarezi, os sentidos resultam do conjunto de informações culturais do falante e de sua comunidade (2008, p. 22). Logo, segundo o autor, a semântica será um estudo ligado aos fatos culturais, os quais são representados pela língua natural.

Oliveira também propõe que "podemos afirmar que a semântica busca descrever o *significado* das palavras e das sentenças", mas devemos, então, definir esse conceito. A autora também afirma de forma enfática que não existe "[...] consenso entre os semanticistas sobre o que se entende por *significado*" (2003, p. 17). Oliveira esclarece que o termo *significado* é utilizado para descrever situações de fala bem variadas, e esse pode ser um fator que atrapalhe e dificulte a definição do termo.

Por exemplo, numa sentença como (6) "*Qual é o significado de porta?*", perguntamos sobre o significado da palavra, no caso, *porta*. Já em uma sentença como (7) "*Qual é o significado da sua saída?*", questionamos sobre a intenção não-linguística do interlocutor. Além disso, podemos ainda questionar sobre o significado da morte, o significado da vida, o significado de febre. "Se tentamos abarcar todas essas situações e outras em que o termo aparece, minamos o próprio projeto de se construir uma teoria científica sobre o significado, porque já não saberemos mais o significado de *significado*" (OLIVEIRA, 2003, p. 17).

Oliveira ainda garante que a questão do significado está ligada à questão do conhecimento, e isso mostra que o problema do significado vai além das fronteiras da Linguística:

Responder a como é que atribuímos significado a uma cadeia de ruídos implica adotar um ponto de vista sobre a aquisição de conhecimento. É o significado uma relação causal entre as palavras e as coisas? Será ele uma entidade mental? Ele pertence ao indivíduo ou à comunidade, ao domínio público? Essas perguntas, caras ao semanticista, levam inevitavelmente a enfrentar a questão espinhosa da relação entre linguagem e mundo e conseqüentemente a buscar uma resposta sobre como é possível (se é que é possível) o conhecimento. (OLIVEIRA, 2003, p. 18)

A autora argumenta que se não existe um consenso sobre os questionamentos acima mencionados e apresentados, então o significado pode ser descrito de diversas maneiras. Logo, não existe somente "a" ou "uma" semântica, mas "as" ou "várias" semânticas: uma pluralidade de semânticas. "Cada uma elege a sua noção particular de significado, responde diferentemente à questão da relação linguagem e mundo e constitui, até certo ponto, um modelo fechado, incomunicável com outros" (OLIVEIRA, 2003, p. 18).

Conforme Oliveira (2003), na semântica estruturalista da perspectiva saussureana, o significado foi definido como uma unidade de diferença, ou seja, o significado ocorre em uma estrutura de diferenças com relação a outros significados. Desse modo, o significado de um termo se define por não ser um outro significado, por exemplo, *porta* se define por não ser *janela*. *Porta* não é o nome de um objeto no mundo. *Porta* não é o nome de um objeto no mundo. *Porta* é uma estrutura que se distingue de *janela*.

Na Semântica Formal, o significado é definido como um termo complexo que é formado por duas partes: (i) sentido e (ii) referência. Nesse caso, o sentido de um nome como *porta* é por sua vez o modo de apresentação do objeto/referência *porta*. A referência fundamental aqui é Frege e o seu famoso artigo

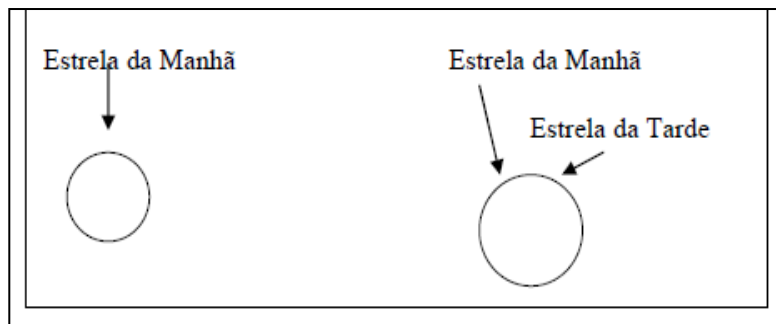


intitulado *Über Sinn und Bedeutung* [Sobre sentido e referência] (1892). Haveria duas partes relacionadas à questão do significado que são exatamente as partes acima mencionadas: (i) sentido e (ii) referência. Assim sendo, a *referência* é o objeto no mundo e o *sentido* é o modo de apresentação do objeto. Oliveira esclarece que "um mesmo objeto pode ser apresentado de diferentes maneiras, por caminhos diversos. Quando nos deparamos com um novo caminho, com um novo sentido, aprendemos algo a mais sobre o objeto" (2009, p. 23). Observemos as sentenças abaixo:

(6) A Estrela da Manhã é a Estrela da Manhã.

(7) A Estrela da Manhã é a Estrela da Tarde.

Através dos exemplos apresentados, podemos verificar que em (6) temos um único sentido, *Estrela da Manhã*, para uma referência, no caso, *o planeta Vênus*. Já em (7) temos dois sentidos, (i) *Estrela da Manhã* e (ii) *Estrela da Tarde*, para a mesma referência citada (OLIVEIRA, 2009).



Quadro 2

Desse modo, de acordo com Oliveira, "quanto mais sentidos temos para chegar a um objeto, mais sabemos sobre esse objeto; podemos abordá-lo através de mais entradas" (2009, p. 23). Portanto, em uma abordagem lógica tal como a formal, a

relação da linguagem com o mundo é essencial (OLIVEIRA, 2003, p. 18).

Sobre a Semântica Argumentativa, podemos afirmar que seu aparecimento se deu nos anos 70, na França, com os estudos de Ducrot (1972) sobre os operadores argumentativos. Conforme explica Cançado,

[a] ideia dessa linha teórica é que as sentenças são pronunciadas como parte de um discurso em que o falante tenta convencer seu interlocutor de uma hipótese qualquer, ou seja, não usamos a linguagem para falar sobre o mundo, mas para convencer o ouvinte a entrar no jogo argumentativo. [...] A ideia que sustenta essa teoria é a de que há interesse em contar com categorias descritivas que dizem respeito mais ao possível uso na interação dos falantes/ouvintes, e menos no que diz respeito à sintaxe e ao conteúdo objetivo da sentença. Na [...] perspectiva argumentativa, portanto, uma mesma sentença pode ter vários significados, dependendo do seu uso. (2008, p. 142)

Já a Semântica Cognitiva aparece na década de 80, com a publicação de *Metaphors we live by*, de George Lakoff e Mark Johnson (1980, 2002). Essa perspectiva sustenta que a nossa linguagem, as nossas ações e o nosso pensamento são estruturados por metáforas. Ela compreende "[... o] pensamento como estruturado por esquemas de imagens, que se manifestam na nossa fala ordinária" (OLIVEIRA, 2001, p. 27).

Para a Semântica Cognitiva, por exemplo,

[...] mesa é a superfície linguística de um conceito, o conceito mesa, que é adquirido por meio de nossas manipulações sensório-motoras com o mundo. É tocando coisas que são mesas que formamos o conceito pré-linguístico mesa que aparece nas práticas linguísticas como mesa. Esse conceito tem estrutura prototípica, porque se define pelo membro mais emblemático: um objeto de quatro pernas. (OLIVEIRA, 2003, p. 19)

A partir do que foi discutido nesta seção, podemos concordar com estudiosos como Oliveira (2001, 2003, 2009) e Ferrarezi (2008), para os quais não há um consenso sobre o que é significado. Por isso, o significado acaba sendo explicado de várias maneiras, e isso resulta numa pluralidade de teorias semânticas, que elegem a sua noção particular de significado.

### **Livro didático: ferramenta (in)dispensável?**

De acordo com o estudo “Aprendizado em Foco”, desenvolvido pela Merrit e a Fundação Lemann (organização sem fins lucrativos, voltada para a área da Educação), podemos verificar que, no Brasil, pelo menos 98% dos professores de escolas públicas utilizam o livro didático como ferramenta de trabalho. Quanto aos outros 2%, 1% julga que o livro é dispensável e 1% não utiliza o manual didático porque a escola não dispõe do material.

Comentando sobre esse estudo, a professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), Circe Fernandes Bittencourt (também coordenadora do Livres, *site* que reúne as obras escolares de 1810 a 2005), afirma que nos dias atuais o livro didático continua sendo uma importante ferramenta para professores e alunos, e além disso, o principal referencial teórico. A estudiosa acrescenta que, embora no Brasil muitos avanços sejam perceptíveis no que diz respeito ao livro didático, ainda há fatores um tanto problemáticos, como, por exemplo, o fato do livro didático continuar sendo pensado somente em vista do professor. Dessa forma, o aluno acaba sendo visto apenas como um mero consumidor que depende de orientação para resolver as atividades, não podendo selecionar e/ou participar da seleção do seu próprio manual didático.

Numa enquete recente, intitulada *Afinal, o livro didático é uma ferramenta (in)dispensável na escola?*, foram disponibilizados questionamentos semelhantes: *Qual o papel do livro didático na escola? Como o professor pode lidar com essa ferramenta?* Dentre as respostas apresentadas, citamos três que chamaram a nossa atenção:

- (1) O livro didático é o mais velho instrumento de apoio tanto ao professor, como para o aluno, garantindo aquisição de saberes escolares, mas não devemos nos apoiar somente nesse instrumento. Vamos inovar e buscar novas ferramentas para complementar e aperfeiçoar nossos conhecimentos.
- (2) O livro didático sempre foi um grande recurso que auxilia o professor em sua prática pedagógica, claro que ele não deve ser o único recurso, é preciso que os professores tenham consciência de seu papel em sala de aula e não façam do livro didático o grande vilão da história, pois sabemos que há livros com bons conteúdos. É preciso que cada educador saiba fazer o bom uso deles.
- (3) O livro didático é um instrumento pedagógico que precisa ser banido da escola, pois a sua qualidade é reconhecidamente bastante precária. Este instrumento criado por Comércio no século XVII, já cumpriu a sua função histórica de contribuir com o processo de universalização da escola pública. É hora de criar outras tecnologias que possam imprimir uma nova qualidade ao trabalho didático. Ou seja, tecnologias que atendam às reais necessidades de educação do nosso tempo.<sup>4</sup>

De acordo com as respostas apresentadas, podemos verificar que as opiniões oscilam. Duas pessoas são a favor do uso do livro didático, e outra é contra. Mas, conforme podemos acompanhar no início dessa seção, o livro didático ainda é a ferramenta mais utilizada pelos professores nas escolas. Portanto, precisa ser um material de qualidade e o seu uso também deve ser planejado.

Pensando especificamente nas aulas de Língua Portuguesa, ressaltamos com base nos PCNs (BRASIL, 1997), que carecemos de manuais que explorem atividades concernentes à interpretação de textos. Essencialmente, que tratem e trabalhem com os fatores correspondentes à significação, à interpretação e à compreensão textual. Isto é, necessitamos de manuais que dêem espaço à

---

<sup>4</sup> Informações disponíveis em [http://www.educacaopublica.rj.gov.br/discutindo/discutindo.php?cod\\_per=84](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/discutindo/discutindo.php?cod_per=84). Acessado em 14 de junho de 2013.

semântica. Assuntos como ortografia, regência, concordância, colocação pronominal, entre outros, estão presentes em quase todas as páginas dos livros didáticos de Língua Portuguesa. Já as questões semânticas, quando presentes nos manuais didáticos, são discutidas superficialmente ou entendidas e abordadas da mesma forma que uma questão gramatical.

### **Analisando e descrevendo como a semântica é trabalhada nos livros didáticos de Língua Portuguesa**

Os resultados aqui discutidos são parciais, pois se trata de um estudo que está em fase inicial de desenvolvimento. Neste momento, estamos analisando oito obras:

- (i) AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; ANTÔNIO, Severino. *Novas Palavras*: Português. Volume único: Ensino Médio. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.
- (ii) AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; ANTÔNIO, Severino. *Novas Palavras*, Nova edição. Volume 1: Ensino Médio. 1. ed. São Paulo: FTD, 2010.
- (iii) BRAGANÇA, Angiolina Domanico; CARPANEDA, Isabella Pessoa de Melo; NASSUR, Regina Iara Moreira. *Portal de Papel*: Língua Portuguesa. Volume 4. São Paulo: FDT, 1998.
- (iv) CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES Thereza Cochar. *Português*: Linguagens: literatura, produção de texto e gramática. Volume 01: Ensino Médio. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.
- (v) CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES Thereza Cochar. *Português*: Linguagens: literatura, produção de texto e gramática. Volume 02: Ensino Médio. 7 ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.
- (vi) CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES Thereza Cochar. *Português*: Linguagens: literatura, produção de texto e gramática. Volume 03: Ensino Médio. 7 ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.
- (vii) DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. *Português*: Ideias & Linguagens. 7º ano do Ensino

Fundamental. 13. ed. reformulada. São Paulo: Saraiva, 2009.

(viii) TERRA, Ernani; NICOLA, José de. *Português: de olho no mundo do trabalho*. Volume único: Ensino Médio. São Paulo: Scipione, 2004.

Dentre as obras acima citadas, verificamos que o livro *Novas palavras*, volume único, de 2003, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, não apresenta nenhuma discussão a respeito da semântica. Já a versão reformulada desse mesmo livro discute a semântica no capítulo 4, sob o título: *Noções de semântica* (2010, pp. 267-284).

Averiguamos que são os livros *Português: Linguagens* (volumes 01, 02 e 03 do Ensino Médio), de Cereja e Magalhães (2005; 2010), que se destacam por apresentarem uma abordagem mais voltada a questões concernentes à semântica. Esses manuais apresentam e discutem tópicos semânticos, abordando-os de maneira clara. A semântica não é discutida num único capítulo, mas é apresentada ao longo dos manuais. Os exemplos e os tópicos de semântica apresentados na coleção em questão estão próximos à realidade dos alunos e do próprio leitor do texto. As atividades propostas despertam o senso reflexivo, induzindo o aluno e o leitor a refletirem sobre a questão do significado. Por esses motivos, optamos por analisar e discutir, neste artigo, exatamente estes manuais didáticos.

Os livros são constituídos por capítulos destinados à literatura, por capítulos voltados à produção de texto e por capítulos que dizem respeito à gramática. Os capítulos voltados à gramática são intitulados "Língua: uso e reflexão"; nesses, os autores apresentam seções que discutem questões voltadas à semântica. Percebemos, a partir das análises realizadas, que essas seções têm como objetivo levar o aluno e o leitor a explorarem questões relacionadas ao sentido das palavras e dos enunciados. Esclarecemos que nas edições desses livros publicadas em 2005, as seções que discutem tópicos de semântica são chamadas de *semântica e interação*. Já nas edições publicadas em 2010, as seções que discutem tópicos que dizem respeito à semântica são denominadas de *semântica e discurso*. Embora, as seções de

*semântica e interação* ou *semântica e discurso* sejam apresentadas ao longo dos livros, é somente no capítulo 12 do volume 01, sob o título: “Introdução à semântica”, que o assunto *semântica* é introduzido com explicação e conceituação claras. Nesse capítulo é apresentado o seguinte conceito à semântica: “Semântica é a parte da gramática que estuda os aspectos relacionados ao sentido de palavras e enunciados” (CEREJA e MAGALHÃES, volume 1, 2005, p. 128).

Percebemos que por meio dessa explicação Cereja e Magalhães (2005) tentam esclarecer aos alunos e aos leitores que a semântica trata do sentido das palavras, das expressões e dos enunciados. Além disso, os autores explicam que o sentido de um termo, expressão ou enunciado pode ser flexível e variável, dependendo do contexto em que for usado. Dessa maneira, avaliamos que a introdução de um conceito da linguística pode ser considerado um avanço para o ensino da Língua Portuguesa. Porém, esse mesmo conceito ao ser discutido em sala de aula, exigiria uma abordagem mais cuidadosa por parte do professor; pois, a semântica não pode ser tratada como uma simples questão gramatical e/ou como um assunto simplório que faz parte da gramática.

Na sequência, os autores apresentam alguns tópicos que são tratados pela semântica, tais como: sinonímia, antonímia, campo semântico, hiponímia, hiperonímia e polissemia. Sobre a sinonímia Cereja e Magalhães afirmam: “Sinônimos são palavras de sentidos aproximados que podem ser substituídas uma pela outra em diferentes contextos”(2005, p. 129).

Num primeiro momento, o conceito apresentado por Cereja e Magalhães (2005) parece simplório e superficial, induzindo o aluno a pensar na possibilidade de uma sinonímia perfeita.<sup>5</sup> Porém, os autores acrescentarem uma

---

<sup>5</sup> De acordo com Ilari, “[...] sinônimos são palavras de sentido próximo, que se prestam, ocasionalmente, para descrever as mesmas coisas e as mesmas situações. Mas é sabido que não existem sinônimos perfeitos: assim, a escolha entre dois sinônimos acaba dependendo de vários fatores a serem explorados” (2011, p. 169). Conforme Pietroforte e Lopes, “dois termos são chamados sinônimos quando apresentam a possibilidade de se substituir um ao outro em

explicação exemplificada ao conceito de sinonímia, eliminando essa falsa noção sobre a existência de sinônimos perfeitos:

Sabe-se, entretanto, que não existem sinônimos perfeitos e, assim, a escolha entre dois sinônimos acaba dependendo de vários fatores. Em discursos mais técnicos, a diferença de sentido entre palavras sinônimas podem ser muito importantes. Na linguagem cotidiana, as palavras *furto* e *roubo*, por exemplo, significam a mesma coisa; em linguagem jurídica, porém, roubo se aplica à situação em que a vítima sofre também algum tipo de violência. (CEREJA e MAGALHÃES, volume 1, 2005, p. 129)

Em relação à sinonímia, são apresentadas no livro didático de Cereja e Magalhães (volume 01) várias atividades. Dentre elas, pelo menos algumas levam o aluno a (i) refletir sobre a questão da substituição de palavras, fazendo-o observar que a substituição de um termo por outro nem sempre se dá de forma perfeita; (ii) perceber que o sentido contextual também interfere na busca pelo sentido; (iii) verificar que a nossa língua tem uma variedade de expressões.

Cereja e Magalhães também esclarecessem que "a ambiguidade é a duplicidade de sentidos que pode haver em um texto verbal ou não verbal" (2005, p. 132). Os autores acrescentam que a ambiguidade pode ser um importante recurso de expressão quando empregado intencionalmente. Mas, alertam que quando a ambiguidade for "[...] resultado da má organização de ideias, do emprego inadequado de certas palavras ou, ainda,

---

determinado contexto. *Novo* é sinônimo de *jovem*, porque, no contexto homem *novo*, pode ser substituído por *jovem*. No entanto, não existem sinônimos perfeitos [...] Na expressão *livro novo*, não se pode substituir a palavra *novo* por *jovem*. Mesmo quando os termos podem substituir-se no mesmo contexto, eles não são sinônimos perfeitos porque as condições de emprego discursivo são distintas: um apresenta mais intensidade do que o outro (por exemplo: *adorar/amar*); um implica aprovação ou censura, enquanto o outro é neutro (por exemplo: *beato/religioso*)" (2005, p. 126).



da inadequação do texto ao contexto discursivo, ela provoca falhas de comunicação" (2005, p. 132-133).<sup>6</sup>

Observamos que na explanação de Cereja e Magalhães (2005) há uma certa preocupação em distinguir (i) ambiguidade como problema de construção textual de (ii) ambiguidade como um defeito de escrita. Logo, ao compararmos as abordagens de Ilari (2011) e Müller e Viotti (2005) à abordagem que é apresentada por Cereja e Magalhães (2005), podemos verificar que o livro didático em questão faz jus a discussões levantadas

---

<sup>6</sup> Com base em Ilari, pode-se sustentar que a "ambiguidade é a característica das sentenças que apresentam mais de um sentido" (2011, p. 9). Segundo Ilari e Geraldi (1992) a ambiguidade ocorre em níveis distintos: (i) lexical, (ii) estrutural ou (iii) contextual. Há vários fatores que a desencadeiam. Entre eles podemos citar: (i) estruturação sintática, (ii) item lexical ambíguo e (iii) pronome. (i) *Estruturação sintática*: uma sentença pode ser ambígua quando a sintaxe supõe possibilidades diferentes de combinação de palavras. Dessa maneira, uma sentença poderá ser avaliada como ambígua quando apresentar mais de uma estrutura sintática. Por exemplo: (8) *Os mestrandos e os doutorandos comprometidos participaram do evento de linguística*. (Adaptado de MÜLLER e VIOTTI, 2005, p. 152). Com base em Müller e Viotti (2005, p. 152), discutimos que na sentença (8) podemos depreender que (i) tanto os mestrandos quanto os doutorandos que participaram do evento de linguística eram comprometidos, tal como, podemos compreender que (ii) todos os mestrandos participaram do evento de linguística; porém, entre os doutorandos, somente os comprometidos participaram. Essas duas interpretações derivam das combinações entre o adjetivo *comprometido* e os substantivos *mestrandos* e *doutorandos*. Dessa maneira, teríamos as seguintes estruturas: (9) A) [[Os mestrandos e os doutorandos] comprometidos] participaram do congresso. B) [[Os mestrandos] e os [doutorandos comprometidos]] participaram do congresso (cf. MÜLLER e VIOTTI, 2005, p. 152). (ii) *Item lexical ambíguo*: na sentença (10), abaixo, a palavra *balada* é ambígua, isto é, pode significar ou um tipo de música ou um acontecimento social. (10) *Ontem, a balada foi divertida* (cf. MÜLLER e VIOTTI, 2005, p. 152). (iii) *Pronome*: Na sentença (11) *A amiga de João gosta dele*, "[...] a referência do pronome ele pode ser encontrada de duas maneiras: (i) pela retomada anafórica de João, na própria sentença; ou (ii) pela busca de algum indivíduo de sexo masculino saliente no contexto. Esse caso envolve a resolução da denotação de expressões dêiticas - aquelas que apontam para um referente no contexto, ou anafóricas - aquelas que apontam para um referente denotado por outra expressão da mesma sentença" (cf. MÜLLER e VIOTTI, 2005, p. 152).

por esses autores, relacionando, por exemplo, ambiguidade e duplicidade de sentidos. Além disso, Cereja e Magalhães (2005, volume 01) acrescentam que a ambiguidade pode estar presente tanto em um texto verbal quanto em um texto não-verbal. Embora a explanação apresentada pelos autores seja, teoricamente, sucinta, simples, e até mesmo, um tanto superficial, acaba levando o aluno a refletir sobre a questão da ambiguidade, tal como pode ser verificado nas próprias atividades que são apresentadas ao longo do livro.

A partir das atividades analisadas nos livros didáticos mencionados, averiguamos a importância de que a ambiguidade não seja apresentada aos alunos apenas como um problema de escrita, mas também como um recurso da linguagem. Atualmente, a ambiguidade tem sido muito explorada em histórias em quadrinhos, tirinhas, anúncios, poemas, enfim, em textos de gêneros variados. Portanto, o aluno precisa compreender a diferença entre ambiguidade como problema de construção textual e ambiguidade como um defeito de escrita. Os manuais didáticos de Cereja e Magalhães fazem jus a essa necessidade (2005; 2010).

### **Considerações Finais**

Os PCNs de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997) defendem que a escola deve auxiliar o aluno no desenvolvimento e/ou aprimoramento da sua capacidade de interpretar textos de gêneros variados. Levando em conta o que dizem os PCNs e o estudo apresentado neste artigo, podemos concluir que alguns tópicos da área da semântica carecem ser discutidos, apresentados e trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa. Não se defende que sejam discutidas em aulas de Língua Portuguesa perspectivas puramente teóricas; porém, com uma melhor introdução da semântica no ensino da disciplina de Língua Portuguesa, o aluno poderá refletir criticamente sobre dados conteúdos,

que são na maioria das vezes estudados somente no nível da sintaxe.

Na maioria dos livros didáticos que temos analisado, podemos verificar que ainda há uma elevada preocupação com a transmissão de nomenclaturas e conteúdos conteúdos como tonicidade, separação de sílabas, formação de palavras, classes gramaticais, períodos simples e compostos. Assim, os estudos iniciais que estão sendo desenvolvidos, sugerem, a princípio, que grande parte dos manuais didáticos é elaborado sob o enfoque tradicional Mas, conforme podemos acompanhar neste artigo, a coleção de Cereja e Magalhães (2005, 2010), *Português: Linguagens*, tem o caráter diferenciado de introduzir, discutir e abordar, ao longo dos manuais, assuntos e atividades que dizem respeito à Semântica. Podemos tomar essa coleção como sinal de uma mudança, no sentido da semântica passar a ser melhor apresentada e discutida nos manuais didáticos de Língua Portuguesa.

### **Referências:**

AMARAL, E.; FERREIRA, M.; LEITE, R.; ANTÔNIO, S. *Novas Palavras*: Português. Volume único: Ensino Médio. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.

\_\_\_\_\_. *Novas Palavras*, Nova edição. Volume 1: Ensino Médio. 1. ed. São Paulo: FTD, 2010.

BRAGANÇA, A. D.; CARPANEDA, I. P. de M.; NASSUR, R. I. M. *Portal de Papel*: Língua Portuguesa. V. 4. São Paulo: FDT, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES T. C. *Português: Linguagens: literatura, produção de texto e gramática*. Volume 1: Ensino Médio. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.

\_\_\_\_\_. *Português: Linguagens: literatura, produção de texto e gramática*. Volume 01: Ensino Médio. 7 ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

\_\_\_\_\_. *Português: Linguagens: literatura, produção de texto e gramática*. Volume 02: Ensino Médio. 7 ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

\_\_\_\_\_. *Português: Linguagens: literatura, produção de texto e gramática*. Volume 03: Ensino Médio. 7 ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Tradução: PAGANI, L. A.; NEGRI, L.; ILARI, R. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP; Londrina/Paraná: EDUEL, 2003.

DELMANTO, D.; CASTRO, M. da C. *Português: Ideias & Linguagens*. 7º ano do Ensino Fundamental. 13. ed. reformulada. São Paulo: Saraiva, 2009.

DUCROT, O. *Dizer e não-dizer*. Princípios de semântica linguística. São Paulo: Cultrix, 1972.

FERRAREZI JR., C. *Semântica para a educação básica*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Introdução à semântica de contextos e cenários: de la langue à la vie*. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2005. (Documento final de pós-doutoramento).

FOSSILE, D. K. Semântica & Pragmática: campos in/dependentes. *Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade de Guaicará*. Guarapuava, v. 1, n. 2, p. 40-58, 2009.

GUIRAUD, P. *La sémantique*. Paris: PUF, 1955, p. 5.

ILARI, R. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ILARI, R; GERALDI, J. W. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1992.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: Educ, 2002.

LERAT, P. *Sémantique descriptive*. Paris: Hachette, 1983, p. 3.

LYONS, J. *Eléments de sémantique*. Paris: Larousse, 1978, p. 9.

MOURA, H. M. de M. *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2006.

MÜLLER, A. L. de P.; VIOTTI, E. de C. Semântica Formal. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVEIRA, R. P. *Semântica formal: uma breve introdução*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. Semântica. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 3.ed., v. 2. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_ (Org.). *Semântica*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2009.

PIETROFORTE, A. V. S.; LOPES, I. C. Semântica Lexical. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

TAMBA, I.. *A semântica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TERRA, E.; NICOLA, J. de. *Português: de olho no mundo do trabalho*. Volume único: Ensino Médio. São Paulo: Scipione, 2004.

Recebido em agosto de 2013  
e aceito em novembro de 2013.

**Title:** *It seems that things have been changing: Gradually the semantics begins to appear in the textbooks of the Portuguese language*

**Abstract:** *In this article we intend to discuss and analyze how topics concerning Semantics are presented in textbooks of primary education. It is an early stage research, of a project entitled "The semantics in Basic Education Textbooks" (Languages course/UFT/Araguaína campus). In principle eight textbooks are being analyzed. From the study which is being developed, we have found out that the teaching of Portuguese Language starts with Phonetics / Phonology and then Morphology, advancing and stagnating at Syntax. Thus, partial results suggest that in some of the textbooks Semantics is still discussed in a somewhat limited way, with several issues superficially treated. In this article, we have chosen to discuss and analyze in particular the following publication: Português: Linguagens (volumes 01, 02 and 03 of Middle School), by Cereja e Magalhães (2005), which was elaborated in accordance with National Curriculum Parameters. Those manuals are particularly representative of a reflection on issues related to Semantics.*

**Keywords:** *Semantics. Textbooks. Teaching.*